

Crise chega aos chefes dos grandes bancos

Patrick Jenkins

Onda de saída de executivos cansados pode prenunciar mais renúncias; espera-se mais turbulência

É coincidência que quatro dos chefes dos principais bancos da Europa tenham deixado seus cargos em duas semanas ou há algum padrão? E quem será o próximo? Essas são as perguntas circulando pelos centros financeiros mundiais, depois dos anúncios das saídas de John Varley, executivo-chefe do Barclays; Stephen Green, presidente do conselho de administração do HSBC; Eric Daniels, chefe do Lloyds; e Alessandro Profumo, chefe do UniCredit.

Na sexta-feira, o HSBC informou que Michael Geoghegan deixará a presidência executiva no final do ano. Geoghegan foi presidente do banco no Brasil entre 1997, quando implantou as operações locais do HSBC, após a compra do Bamerindus, até dezembro de 2003.

Embora as demissões, aposentadorias ou simples renúncias tenham ocorrido em circunstâncias bem diferentes, há uma boa chance de que exista algo em comum. O ponto comum mais significativo é que todos estavam no comando de seus bancos em meio à crise financeira. "Alguns chefes de bancos estão se sentindo muito cansados e surrados", afirmou Nick Woolf, caça-talentos da Sainty Hird, em Londres. "Não é muito divertido levar a culpa por tudo. Foram dois anos de um inferno absoluto."

Sair quando os navios estavam afundando ou quando a batalha para mantê-los à tona estava em andamento teria parecido a uma deserção. "Os últimos três anos foram uma crise tão grande que teria sido algo muito baixo se alguém sáísse", diz Daniel Davies, analista do Credit Suisse especializado no setor bancário. Mas, agora que o pior parece ter passado, sair parecer ser uma decisão bastante aceitável.

O cansaço, concordam todos, foi um fator comum a todas as recentes saídas - com o impacto de administrar os bancos em meio à crise sendo amplificado pela onda populista de "malhar o banqueiro" que a acompanhou, especialmente com a cultura de bonificações da City londrina, no Reino Unido.

Para agravar essa situação, paira a ameaça de outro período turbulento, desta vez provocado pela grande onda de novas regulamentações internacionais e de leis locais que, apenas agora, dois anos após a quebra do Lehman Brothers, estão sendo finalizadas.

Neste mês, o Comitê de Supervisão Bancária da Basileia anunciou os detalhes de novas regras de liquidez e capital que terão de ser adotadas pelo mundo bancário nos próximos anos.

Muitos países por todo o mundo, como os Estados Unidos, Reino Unido, França e Alemanha, impuseram novos impostos bancários. Nos EUA, foi aprovada a nova lei Dodd-Frank, que restringe as atividades do setor.

No Reino Unido, ainda há a incerteza sobre como a estrutura do setor bancário poderia ser remodelada. "Não é coincidência de que a maioria das saídas desses altos executivos bancários seja na Grã-Bretanha", disse um analista.

Tendo em vista a relativa estabilidade dos altos cargos nos grandes bancos desde o pós-crise imediato, há dois anos, existe a crença generalizada de que a série de saídas neste mês poderia prenunciar uma onda mais ampla de aposentadorias e renúncias de executivos.

Oswald Grübel, executivo-chefe trazido para consertar o UBS, poderia ver seu trabalho concluído por volta do próximo ano. O chefe de longa data do Deutsche Bank, Josef Ackermann, que estava preparado para sair há alguns anos, mas teve seu contrato estendido após divergências na diretoria sobre sua sucessão, também é outro cuja saída é prevista na

mesma época. Nos EUA, ainda se questiona se Brian Moynihan é o homem certo para unir o Bank of America Merrill Lynch.

Outro que está nessa lista é Lloyd Blankfein, cujo obituário profissional já foi escrito várias vezes nos últimos anos, mais recentemente quando a Securities and Exchange Commission (SEC, a Comissão de Valores Mobiliários dos EUA) acusou o Goldman Sachs de fraude.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 27 set. 2010, Finanças, p. C5.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais